

# A Reforma, a Fé e o Homem<sup>1</sup>

---

## INTRODUÇÃO:

### A) A HISTÓRIA COMO FENÔMENO SOCIAL:

O profeta é, de certo modo, filho de seu tempo – sem dúvida chamado e capacitado por Deus –, mas que fala da parte de Deus ao seu povo, estimulando, exortando, repreendendo e consolando, dentro de um contexto específico no qual ele e o povo vivem e atuam.<sup>2</sup> Por consequência, devemos entender que nenhum movimento histórico, justamente por ocorrer na história, dar-se num vácuo, asséptico, totalmente higienizado, sem alguma ou intensa “contaminação” de sua época. Para o bem o mal – conforme a percepção daqueles que o julgam – ele tem uma relação direta com um locus temporal e espacial. Aliás, se um período não é necessariamente gerador de uma teoria ou fenômeno social, ele o torna necessário; tudo que existe aponta para uma necessidade, apreciável ou não, contudo, certamente, digna de existir. Creio que Bacon (1561-1626) captou bem este sentido, ao afirmar que: "Tudo o que é digno de existir é digno de ciência, que é a imagem da realidade. As coisas vis existem tanto quanto as admiráveis".<sup>3</sup> Dentro desta perspectiva, a definição de Popper (1902-1994) a respeito do objetivo da ciência, parece-nos correta: "O objetivo da ciência é encontrar explicações satisfatórias do que quer que nos apresente e nos impressione como estando a precisar de explicação".<sup>4</sup>

### B) O CONHECIMENTO HISTÓRICO:

O conhecimento pode ser definido como o processo de reflexão crítica que possibilita a compreensão de um objeto. Notemos que este conhecimento também parte sempre de um locus temporal e espacial; por isso ele está longe de ser indeterminado ou “neutro”; todo conhecimento tem elementos condicionantes de nossa perspectiva, portanto guardando-se as proporções, podemos dizer que de certa forma meu conhecimento é “meu”, de minha perspectiva a qual, não precisará estar

---

<sup>1</sup> Palestra ministrada no dia 24/11/07 no Primeiro Encontro da Fé Reformada de Barbacena, tendo como tema: *A Reforma Protestante e a Redescoberta do Evangelho*.

<sup>2</sup> “O profeta é sempre produto do seu tempo, mesmo criticando-o e especialmente por isso, porque, seja como for, é em relação ao seu tempo que ele se situa” (Alphonse Maillot & A. Lelièvre, *Atualidade de Miquéias: Um Grande “Profeta Menor”*, São Paulo: Paulinas, 1980, p. 23).

<sup>3</sup> Francis Bacon, *Novum Organum*, São Paulo: Abril Cultural, (Os Pensadores, Vol. XIII), 1973, l.120. p. 85.

<sup>4</sup> Karl R. Popper, *O Realismo e o Objectivo da Ciência*, (Pós-Escrito à Lógica da Descoberta Científica, Vol. I), Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987, \* 15, p. 152. Vd. também, \* 15, p. 164-165.

certa ou errada necessariamente mas, que tem suas peculiaridades<sup>5</sup>... Deste modo, todo conhecimento passa por uma correlação: enquanto ser cognoscente, sou o que sou enquanto sou para o objeto e ele, é o que é enquanto o é para mim. Eliminar esta dialética – sujeito-objeto –, significa ignorar a própria complexidade do conhecimento: sem sujeito não há conhecimento; sem objeto não há o que conhecer. No entanto, a identidade de cada um depende da sua relação com o outro.

## 1. O HUMANISMO RENASCENTISTA: O HOMEM COMO MEDIDA DE TODAS AS COISAS:

Se a Idade Média foi o “tempo” de Deus; a Renascença foi o “tempo” do homem. Este conceito pode ser elaborado de muitos modos, mas, esta perspectiva dificilmente pode ser questionada, exceto por dois aspectos: Na Idade Média o Deus buscado, em muitos sentidos não era o Deus da revelação bíblica e, o Humanismo-Renascentista, graças à Reforma, não limitou o seu olhar ao homem como o fim de todas as coisas. Aliás, a Reforma é sob muitos aspectos uma correção ao Humanismo-Renascentista, tão dominado pela visão grega. Creio que neste sentido a Reforma foi mais revolucionária do que os historiadores, filósofos e sociólogos estão dispostos a admitir.<sup>6</sup> No entanto, acreditamos que essas duas perspectivas não invalidam o princípio predominante enunciado: Se a Idade Média foi o “tempo” de Deus; a Renascença foi o “tempo” do homem.

No quinto século antes de Cristo, o filósofo sofista grego Protágoras (c. 480-410 a.C.) na sua obra, hoje perdida, *A Verdade* (Ἀλήθεια) disse: *Homo Mensura*, ou na forma completa: "O homem é a medida de todas as coisas, da existência das que existem e da não existência das que não existem".<sup>7</sup> A Renascença se ca-

---

<sup>5</sup> Ortega y Gasset está correto ao afirmar que "Cada um de nós é, meio a meio, o que ele é e o que é o ambiente em que vive" (J. Ortega Y Gasset, *Que é Filosofia*, Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1961, p. 37).

<sup>6</sup> Schaeffer (1912-1984) percebe isso ao dizer: "A Reforma foi revolucionária porquanto se apartou tanto do humanismo católico-romano como do secular" (Francis A. Schaeffer, *A Fé de los Humanistas*, 2ª ed. Madrid: Felire, 1982, p. 10). É digna de nota a observação do filósofo católico Émile Bréhier (1876-1952): "A Reforma opõe-se tanto à teologia escolástica, quanto ao humanismo. Nega a teologia escolástica, porque nega, com Ockham, que nossas faculdades racionais possam conduzir-nos da natureza ao seio de Deus. Renega o humanismo, menos por seus erros do que por seus perigos, posto que as forças naturais não podem comunicar qualquer sentido religioso" (É. Bréhier, *História da Filosofia*, São Paulo: Mestre Jou, 1977-1978, I/3, p. 209). Semelhantemente, afirma o historiador francês Boisset: "A preocupação do humanista, em suma, é afirmar e demonstrar a grandeza do homem; a do reformador, segundo a expressão de Calvino, é dar testemunho da 'honra de Deus'" [Jean Boisset, *História do Protestantismo*, São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971, (Coleção "Saber Atual"), p. 17].

<sup>7</sup> *Apud* Platão, *Teeteto*, 152a: In: *Teeteto-Crátilo*, 2ª ed. Belém: Universidade Federal do Pará, 1988, p 15. Citado também em Platão, *Crátilo*, 385e. Aristóteles, diz: "O princípio (...) expresso por Protágoras, que afirmava ser o homem a medida de todas as coisas (...) outra coisa não é senão que aquilo que parece a cada um também o é certamente. Mas, se isto é verdade, conclui-se que a mesma coisa é e não é ao mesmo tempo e que é boa e má ao mesmo tempo, e, assim, desta maneira, reúne em si todos os opostos, porque amiúde

racteriza pela tentativa de vivenciar este conceito. Neste período houve uma "virada antropológica". Deus cedeu lugar ao homem, deixando de ser o centro das atenções; o "homem virtuoso" passou a ocupar o trono da história. "O homem pelo homem para o homem"; este é, de certa forma, o lema implícito do Humanismo Renascentista. Este "antropocentrismo refletido", se retrata no homem renascentista, profundamente otimista no que se refere à sua capacidade; ele se julga em plenas condições de planejar o seu próprio futuro, sua existência individual, aproximar-se da perfeição; tudo está em suas mãos, nada lhe escapa. Marcílio Ficino (1433-1499), considerava o homem como uma "síntese de todas as maravilhas do universo"; ou, na sua expressão, "copula mundi" ("Nexo do mundo").<sup>8</sup> O homem passou a ser considerado como o centro do mundo, a imagem completa de todas as coisas; o livro da natureza.<sup>9</sup> Pico della Mirandola (1463-1496), em seu panegírico sobre o homem, já no primeiro parágrafo, cita Hermes: "Grande milagre, ó Asclépio, é o homem".<sup>10</sup>

Pico della Mirandola (1463-1496), em seu panegírico sobre o homem, já no primeiro parágrafo, cita Hermes: "Grande milagre, ó Asclépio, é o homem".<sup>11</sup>

Schaeffer depois de interpretar o *Davi* (1504) de Miguel Ângelo (1475-1564) como uma declaração humanista,<sup>12</sup> conclui: "Os humanistas tinham certeza de que o homem, partindo de si mesmo, seria capaz de resolver qualquer problema. A fé no homem era total. O homem que, partindo de si mesmo, era capaz de se esculpir a si mesmo na rocha, diretamente na natureza, poderia resolver tudo. O brado humanista era 'eu posso fazer o que bem quiser; espere só até amanhã'. Mas Da Vinci, em seu brilhantismo, acabou, no final de sua vida, vendo que o humanismo seria derrotado".<sup>13</sup>

---

uma coisa parece bela a uns e feia a outros, e deve valer como medida o que parece a cada um" (*Metafísica*, XI, 6. 1 062. Vd. também, Platão, *Eutidemo*, 286). Platão diferentemente de Protágoras, entendia que a medida de todas as coisas estava em Deus. "Aos nossos olhos a divindade será 'a medida de todas as coisas' no mais alto grau" (Platão, *As Leis*, Bauru, SP.: EDIPRO, 1999, IV, 716c. p. 189).

<sup>8</sup> Cf. Battista Mondin, *Curso de Filosofia*, São Paulo: Paulinas, 1981, Vol. II, p. 14. Expressão semelhante usada por Pico della Mirandola: "*mundi copulam*" [Giovanni Pico Della Mirandola, *Discurso Sobre a Dignidade do Homem*, (Edição Bilíngüe), Lisboa: Edições 70, (2001), p. 48 e 49]. Ele foi grandemente influenciado por Marcílio Ficino (1433-1499), a quem conheceu em Florença (1484).

<sup>9</sup> Vd. René Descartes, *Discurso do Método*, São Paulo: Abril Cultural, (Os Pensadores, Vol. XV), 1973, I, p. 41.

<sup>10</sup> Giovanni Pico Della Mirandola, *Discurso Sobre a Dignidade do Homem*, p. 49.

<sup>11</sup> Apud Giovanni Pico Della Mirandola, *Discurso Sobre a Dignidade do Homem*, p. 49.

<sup>12</sup> Francis A. Schaeffer, *Como Viveremos?*, São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 42-43.

<sup>13</sup> Francis A. Schaeffer, *Como Viveremos?*, p. 45. Aliás, o próprio trabalho de Miguel Ângelo na Capela Sistina (Vaticano) (1512) revela uma obra de tal monta – tanto no aspecto físico como intelectual – que seria difícil conceber que um homem sozinho a pudesse realizar no espaço de 4 anos: "É muito difícil a um mortal comum imaginar como foi possível a um ser humano realizar o que Miguel Ângelo realizou em quatro anos de trabalho solitário nos andaimes da capela papal. O mero esforço físico de pintar esse gigantesco afresco no teto da capela, de preparar e esboçar as cenas em detalhe, e de transferi-las para o teto, já era suficientemente fantástico. Miguel Ângelo tinha de deitar-se de costas e pintar olhando para cima. De fato, habituou-se

Assim, o homem não deve ficar olhando para as alturas mas, para dentro de si mesmo; há uma mudança de ótica e perspectiva e, conseqüentemente de valores. Deste modo, a metafísica é substituída pela introspecção, os olhares baixam do céu para o homem em sua concretude e beleza. Esta mudança, refletiu-se em todas as áreas do conhecimento humano; o homem tornou-se o tema geral e central do saber: o corpo humano passou a ser reproduzido em telas; alguns artistas – visando conhecer mais exatamente os órgãos do corpo humano, para poder retratá-los melhor em suas obras [O luterano<sup>14</sup> Albrecht Dürer (1471-1528), além de geometria,<sup>15</sup> tornou-se um especialista nesta arte]<sup>16</sup> –, praticaram a dissecação de cadáveres [Antônio Pollaiuolo,<sup>17</sup> Leonardo da Vinci (1452-1519)<sup>18</sup> e Miguel Ângelo (1475-1564)].<sup>19</sup> No campo educacional, surgem grandes mestres, preocupados com a formação do homem; originando-se daí, obras sobre o comportamento humano; "a escritura de tratados acerca da educação dos príncipes, outrora tarefa dos teólogos, agora passa também a ser, naturalmente, assunto dos humanistas".<sup>20</sup> Não é sem razão, que Delumeau diz que o Renascimento "foi também descoberta da criança, da família, no sentido estrito da palavra, do casamento e da esposa. A civilização ocidental fez-se então menos antifeminista, menos hostil ao amor no lar, mais sensível à fragilidade e à delicadeza da

---

de tal modo a essa posição acanhada que até quando recebia uma carta durante esse período tinha que lê-la assumindo a mesma posição. Entretanto, a proeza física de um homem para cobrir esse vasto espaço sem ajuda nenhuma pouco representa em comparação com a façanha intelectual e artística. A riqueza de novas invenções, a metria infalível de execução em todos os detalhes e, sobretudo, a grandeza das visões que Miguel Ângelo revelou aos pósteros proporcionaram à humanidade uma nova idéia de poder do gênio" (E.H. Gombrich, *A História da Arte*, 16ª ed. São Paulo: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1995, p. 307-308).

<sup>14</sup> Cf. N.V. Hope, Albrecht Dürer: In: J.D. Douglas & Philip W. Comfort, eds. *Who's Who In Christian History*, Wheaton, Illinois: Tyndale House Publishers, Inc. 1992, p. 217. Vejam-se extratos de seu diário (1521) e uma de suas cartas (1520) citados por Francis A. Schaeffer, *Como Vivemos*, São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 58-60.

<sup>15</sup> Cf. John Hale, *A Civilização Européia no Renascimento*, Lisboa: Editorial Presença, 2000, p. 508.

<sup>16</sup> "É emocionante observar Dürer experimentando várias regras de proporções, vê-lo distorcendo deliberadamente a compleição humana ao desenhar corpos demasiado longos ou demasiado largos, a fim de descobrir o equilíbrio adequado e a harmonia perfeita" (E.H. Gombrich, *A História da Arte*, 16ª ed., São Paulo: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1995, p. 347). Dürer pintou um quadro de Erasmo que se tornou famoso. Nele Dürer apresenta Erasmo como um editor competente e criterioso. Quando Dürer morreu, Erasmo o homenageou em uma de suas obras realçando o seu brilho que, conforme declara Erasmo, faria com que Apeles, se ainda vivo o aplaudisse. (Ver. Roland H. Bainton, *Erasmo da Cristandade*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, (1988), p. 295-298). Não é demais lembrar que as contribuições artísticas na Renascença não estiveram restritas à Itália [Ver: Peter Burke, *As Fortunas d'O Cortesão: a recepção européia a O cortesão de Castiglione*, São Paulo: Editora da UNESP., 1997, p. 13].

<sup>17</sup> Cf. Pedro D. Nogare, *Humanismos e Anti-Humanismos*, 5ª ed. Petrópolis, RJ.: Vozes, 1979, p. 68.

<sup>18</sup> Ele dissecou mais de trinta cadáveres (Cf. E.H. Gombrich, *A História da Arte*, p. 294). Ver também: Daniel-Rops, *A Igreja da Renascença e da Reforma: I. A reforma protestante*, p. 195.

<sup>19</sup> Cf. E.H. Gombrich, *A História da Arte*, p. 304-305.

<sup>20</sup> J. Burckhardt, *A Cultura do Renascimento na Itália: Um Ensaio*, São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 163-164.

criança".<sup>21</sup>

O prazer "carnal" por sua vez, passa a ser apreciado em detrimento do propagado "ascetismo" medieval: "O Renascimento foi, sem dúvida, sensual....".<sup>22</sup> Enfim, o homem é o tema e senhor da história; já não espera favores divinos; antes, pelo contrário, emprega seu talento pessoal para conseguir realizar os seus desejos; já não é mero espectador passivo do universo, mas seu agente, lutando para o modificar, melhorar e recriar. O humanismo renascentista é eminentemente ativista.

Este otimismo não era gratuito; ele estava acompanhado pela nova forma de ler, entender e criticar a literatura e a arte antigas; as línguas da Europa tornam-se aos poucos, no grande veículo de comunicação das idéias, a imprensa floresce, a navegação conhece seu sucesso por meio das descobertas de novos continentes. Copérnico (1473-1543)<sup>23</sup> e Galileu Galilei (1564-1642) revolucionam a astronomia com uma nova compreensão do sistema solar,<sup>24</sup> assinalando um marco importante dentro de uma transformação intelectual, causando uma revolução no retrato do mundo em relação à compreensão medieval;<sup>25</sup> enfim, tudo aponta para a capacidade do homem em seus avanços vitoriosos; aparentemente, para este não há limites; ele é o centro de todas as coisas.<sup>26</sup>

Creio que Francis A. Schaeffer (1912-1984) resume bem o antropocentrismo do Humanismo, dizendo que o "Humanismo é a colocação do homem como centro de todas as coisas, fazendo-o a medida de todas as coisas".<sup>27</sup> O humanismo é fruto do orgulho de ser homem; de uma fé entusiasta em suas potencialidades.

Berdiaeff (1874-1948) – em sua obra datada, é verdade –, propondo uma "Nova Idade Média", declara de forma patética, que o humanismo não alcançou o que desejava; por isso, a situação do homem moderno, é a pior de todas. Diz ele:

"A história moderna é uma empreitada que não resultou bem, que não

---

<sup>21</sup> Jean Delumeau, *A Civilização do Renascimento*, Lisboa: Editorial Estampa, 1984, Vol. I, p. 23.

<sup>22</sup> Jean Delumeau, *A Civilização do Renascimento*, Vol. I, p. 23.

<sup>23</sup> Vd. Jean Delumeau, *A Civilização do Renascimento*, Vol. II, p. 144-146; Paolo Rossi, *O Nascimento da Ciência Moderna na Europa*, Bauru, SP.: EDUSC, 2001, p. 115.

<sup>24</sup> Vd. Philip Schaff & David S. Schaff, *History of the Christian Church*, Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1996, Vol. VI, p. 561.

<sup>25</sup> Referindo-se à teoria de Copérnico, escreve Hawking: "A ruptura que ela representou marcou uma das maiores mudanças de paradigma da história mundial, abrindo caminho para a astronomia moderna e afetando a ciência, a filosofia e a religião" (Stephen Hawking, *Os Gênios da Ciência: Sobre os ombros do Gigante: as mais importantes idéias e descobertas da física e da astronomia*, Rio de Janeiro: Elsevier Editora, 2005, p. 2-3). Ver também: Eugenio Garin, *Ciência e Vida Civil no Renascimento Italiano*, São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996, p. 151-154.

<sup>26</sup> Ver: Bertrand Russell, *História da Filosofia Ocidental*, 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967, Vol. 3, p. 58-60.

<sup>27</sup> F.A. Schaeffer, *Manifesto Cristão*, Brasília, DF.: Editora Refúgio, 1985, p. 27.

glorificou o homem, como o fizera esperar. As promessas do humanismo não foram cumpridas. O homem experimenta uma fadiga imensa e está pronto a apoiar-se sobre qualquer gênero que seja de coletivismo, em que definitivamente desaparecesse a individualidade humana. O homem não pode suportar seu abandono, sua solidão".<sup>28</sup>

## 2. A TEOLOGIA REFORMADA: O HOMEM COMO IMAGEM DE DEUS:

A Reforma não foi sintética em termos dos valores cristãos e pagãos: Lutero (1483-1546), e mais tarde todos os reformadores, não se deixaram limitar por uma visão puramente humanista, antes, pelo contrário; Lutero (1483-1546), Zuínglio (1484-1531)<sup>29</sup> e Calvino (1509-1564), apesar das divergências de compreensão,<sup>30</sup> de ênfase e de estilo,<sup>31</sup> estavam acordes quanto à centralidade da Palavra de

---

<sup>28</sup> N. Berdiaeff, *Uma Nova Idade Média*, Rio de Janeiro: José Olympio, 1936, p. 12-13.

<sup>29</sup> Zuínglio que era um admirador dos clássicos, na juventude, seguiu as idéias de Erasmo – quem conhecera em 1516 –; posteriormente, 1519-1520, abandonou as suas concepções, descrendo parcialmente do programa humanista e da visão pelagiana de Erasmo; passou a sustentar a total depravação do homem e que este só teria salvação se fosse transformado por Cristo. (Cf. Bengt Hägglund, *História da Teologia*, Porto Alegre, RS.: Casa Publicadora Concórdia, 1973, p. 219; Roger Olson, *História da Teologia Cristã*, São Paulo: Editora Vida, 2001, p. 409). George falando sobre o jovem Zuínglio, assim o descreve: “O desenvolvimento inicial de Zuínglio foi moldado por dois fatores que continuaram a influenciar seu pensamento por toda a sua carreira: o patriotismo suíço e o humanismo erasmiano” (Timothy George, *Teologia dos Reformadores*, São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 111). Hägglund, observa que “Apesar de sua perspectiva reformada, Zuínglio nunca abandonou seu ponto de vista humanista” (B. Hägglund, *História da Teologia*, p. 220).

<sup>30</sup> Ver: Mark A. Noll, *Momentos Decisivos na História do Cristianismo*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2000, p. 198ss.

<sup>31</sup> Lucas apresenta a seguinte distinção entre alguns reformadores: “O sistema teológico de Calvino foi o mais elaborado e científico corpo de dogma produzido no campo Protestante. Lutero foi um poderoso revolucionário com uma profunda intuitiva sensibilidade religiosa que, no entanto, nunca conseguiu reduzir a um sistema. Melanchthon foi um discípulo e nunca o proclamador pioneiro de uma teologia. Zuínglio foi o produto de diversas influências e atuou somente sob o impulso de eventos específicos; ele não foi um teólogo sistemático” (Henry S. Lucas, *The Renaissance and the Reformation*, New York: Harper & Brothers Publishers, 1934, p. 579). Vejam-se também, Philip Schaff, *History of the Christian Church*, Vol. VIII, p. 257-260; Justo L. Gonzalez, *A Era dos Reformadores*, São Paulo: Vida Nova, 1986, p. 107; L. Berkhof, *Introducción a la Teología Sistemática*, Grand Rapids, Michigan: The Evangelical Literature League, © 1932, p. 79-80. Sobre Zuínglio, Schaff diz que a sua importância foi mais histórica que doutrinária. (Philip Schaff, *The Creeds of Christendom*, 6ª ed. Revised and Enlarged, Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, (1931), Vol. I, p. 360). No entanto devemos ter em mente que Zuínglio escreveu seus trabalhos em menos de dez anos e, raramente teve tempo de revisar alguns de seus sermões para serem publicados. (Vd. Timothy George, *Teologia dos Reformadores*, p. 119ss.). Contudo, ele, possivelmente influenciado por Erasmo, conhecia muito bem o grego, tendo copiado com suas próprias mãos, de modo destro, as Epístolas de Paulo e a Epístola aos Hebreus, baseando-se na edição do Novo Testamento Grego de Erasmo (1516). (Cf. Philip Schaff, *History of the Christian Church*, Vol. VIII, p. 31). Bullinger diz que Zuínglio memorizou em grego todas as Epístolas de Paulo. (Cf. Timothy George, *Teologia dos Reformadores*, p. 113).

Deus; na Escritura como sendo a fonte, para se pensar acerca de Deus.<sup>32</sup>

## A. Um Novo Quadro de Referência:

“Ainda que a Reforma e a Renascença tivessem coincidido na História e também tratado dos mesmos problemas básicos, as suas respostas foram completamente diferentes”, interpreta corretamente Schaeffer.<sup>33</sup> Enquanto os humanistas partiam de uma perspectiva secular, o protestantismo tinha uma perspectiva e caráter religioso.<sup>34</sup> Os reformadores vão enfatizar o estudo da Palavra, visto que este fora ofuscado pela preocupação filosófica: A Razão havia tomado o lugar da Revelação. Na Reforma, o ponto de partida não é o homem; ele não é considerado “a medida de todas as coisas”; antes, a sua dignidade consiste em ter sido criado à imagem de Deus.

Na Reforma deu-se uma mudança de quadro de referência. Por isso, podemos falar deste movimento como tendo um de seus pilares fundamentais a questão hermenêutica.<sup>35</sup> O “eixo hermenêutico” desloca-se da tradição da igreja para a compreensão pessoal da Palavra. Há aqui uma mudança de critério de verdade que determina toda a diferença. No entanto, conforme acentua Popkin, Lutero inicialmente confrontou a igreja dentro da perspectiva da própria tradição da igreja, somente mais tarde é que ele “deu um passo crítico que foi negar a regra de fé da Igreja, apresentando um critério de conhecimento religioso totalmente diferente. Foi neste período que ele deixou de ser apenas mais um reformador atacando os abusos e a corrupção de uma burocracia decadente, para tornar-se o líder de uma revolta intelectual que viria a abalar os próprios fundamentos

---

<sup>32</sup> Timothy George, observa corretamente que os reformadores, “Embora acolhessem entusiasticamente os esforços dos eruditos humanistas, tais como Erasmo, por recuperar o primeiro texto bíblico e submetê-lo a uma rigorosa análise filológica, eles não viam a Bíblia meramente como um livro entre muitos outros. Eles eram irrestritos em sua aceitação da Bíblia como a única e divinamente inspirada Palavra do Senhor” (Timothy George, *Teologia dos Reformadores*, p. 312). Dentro de outro prisma afirma Harrison: “A importância da Reforma para a crítica bíblica, não esteve tanto na preocupação com os processos históricos ou literários envolvidos na formulação do cânon bíblico, senão em sua insistência contínua na primazia do singular sentido gramatical do texto por direito próprio, independente de toda interpretação feita pela autoridade eclesiástica” (R.K. Harrison, *Introducción al Antiguo Testamento*, Jenison, Michigan: TELL., 1990, Vol. I, p. 7-8). Ainda dentro de outra ótica, afirma o historiador francês Boisset: “A preocupação do humanista, em suma, é afirmar e demonstrar a grandeza do homem; a do reformador, segundo a expressão de Calvino, é dar testemunho da ‘honra de Deus’” [Jean Boisset, *História do Protestantismo*, São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971, (Coleção “Saber Atual”), p. 17].

<sup>33</sup> Francis A. Schaeffer, *Como Vivemos?*, p. 49.

<sup>34</sup> Cf. Quirinus Breen, *John Calvin: A Study in French Humanism*, Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1931, p. vii.

<sup>35</sup> “A Reforma Protestante foi em sua raiz um evento do domínio da hermenêutica” [Edward A. Dowey Jr., Documentos Confessionais como Hermenêutica: in: Donald K. Mckim, ed., *Grandes Temas da Teologia Reformada*, São Paulo: Pendão Real, 1999, p. 13]. “A Reforma Protestante foi, em muitos sentidos, um movimento hermenêutico” [Augustus Nicodemus Lopes, *A Bíblia e Seus Intérpretes*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004, p. 159].

da civilização ocidental".<sup>36</sup>

## B. Humanismo Teológico de Calvino:

Quando pensamos em aspectos da antropologia de Calvino, sabemos de antemão que a sua aproximação é teológica. O pensar e o agir de Calvino estavam condicionados à amplitude libertadora das Escrituras. Para Calvino a Palavra de Deus oferece-nos o escopo de nosso pensar e agir. Por meio dela poderemos ter uma real visão de Deus, de nós mesmos e do mundo. Portanto, uma cosmovisão Reformada é uma visão que se esforça por interpretar a chamada realidade pela ótica das Escrituras. Sem as Escrituras permanecemos míopes para distinguir as particularidades do real, tendo uma epistemologia desfocalizada. Calvino usa de uma figura que continua atual: "Exatamente como se dá com pessoas idosas, ou enfermas de olhos, e quantos quer que sofram de visão embaçada, se puseres diante deles até mui vistoso volume, ainda que reconheçam ser algo escrito, mal poderão, contudo, ajuntar duas palavras; ajudadas, porém, pela interposição de lentes, começarão a ler de forma mais distinta. Assim a Escritura, coletando-nos na mente conhecimento de Deus de outra sorte confuso, dissipada a escuridão, mostra-nos em diáfana clareza o Deus verdadeiro".<sup>37</sup>

Deste modo, o humanismo de Calvino não deve ser confundido com o "humanismo secular", que colocava o homem como centro de todas as coisas. Calvino rejeitava este tipo de "humanismo". Na sua obra Magna, *A Instituição da Religião Cristã*, Calvino expressa a sua concepção "humanista", que consiste em reconhecer a grandeza do homem, como criatura de Deus, a Quem deve adorar e glorificar. Na sua carta ao Rei Francisco I (1515-1547) de França,<sup>38</sup> a quem dedica a primeira edição de sua obra, escreve:

"Pois quê melhor se coaduna com a fé, e mais convenientemente, que reconhecer-nos despidos de toda virtude, para que sejamos vestidos por Deus; vazios de todo bem, para que sejamos por Ele plenificados; escravos do pecado, para que sejamos por Ele libertados; cegos, para que sejamos dEle iluminados; coxos, para que sejamos dEle restaurados; fracos, para que sejamos por Ele sustentados; despojar-nos de todo motivo de glória própria, para que só Ele glorioso avulte e nEle nos gloriemos?....

"Como, porém, nada devemos presumir de nós próprios, assim tudo se deve de Deus presumir. Nem por outra razão nos despojamos de vã gló-

---

<sup>36</sup> Richard H. Popkin, *História do Ceticismo de Erasmo a Spinoza*, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000, p. 26.

<sup>37</sup> João Calvino, *As Institutas*, I.6.1.

<sup>38</sup> Na opinião do historiador Daniel-Rops, essa carta é um "magnífico trecho de eloquência, de inspiração firme e comedida" (Daniel-Rops, *A Igreja da Renascença e da Reforma: I. A reforma protestante*, São Paulo: Quadrante, 1996, p. 373).

ria, senão para que aprendamos a gloriar-nos no Senhor".<sup>39</sup>

Em outro lugar, Calvino escreve: "... É notório que jamais chega o homem ao puro conhecimento de si mesmo até que haja antes contemplado a face de Deus e da visão dEle desça a examinar-se a si próprio".<sup>40</sup>

Schaeffer resume: "... enquanto a Renascença se concentrava no homem em sua autonomia, a Reforma concentrava-se no Deus infinito-pessoal que falava com eles através da Bíblia".<sup>41</sup> Como a Bíblia é o registro inerrante da Palavra de Deus, podemos dizer, que sem as Escrituras, jamais teremos um conhecimento verdadeiro de nós mesmos, do mundo e do próprio Deus.

Robert D. Knudsen, tratando da visão "humanística" de Calvino, diz:

"Calvino ataca aqueles humanistas que fazem a apoteose do ser humano e pensam que a realização daquilo que é humano pode ser alcançada somente na presumida independência de Deus e de Sua revelação. Ele mesmo como um humanista, rejeitou aquilo que era o coração da idéia de personalidade do Renascimento, a idéia de que o homem é a fonte criadora de seus próprios valores e, portanto, no fundo, incapaz de pecar".<sup>42</sup>

"(Segundo Calvino), o homem só se conhece verdadeiramente, quando se conhece à luz de Deus e de Sua revelação, com o corolário implícito de que, se se conhece verdadeiramente, conhece verdadeiramente também a Deus. Não é muito extrair desta correlação o pensamento de que o homem, estando verdadeiramente relacionado com Deus pela piedade, estará verdadeiramente relacionado consigo mesmo, e estando relacionado consigo pela piedade, estará verdadeiramente relacionado com Deus".<sup>43</sup>

"Para Calvino, tornou-se possível relacionar a idéia de humanidade à antítese religiosa retratada na Escritura. O caminho foi aberto pela idéia de que o homem se torna humano em sua relação com Deus. O homem, em si mesmo, é verdadeiramente homem quando responde àquilo que constitui o modo de ser de sua natureza, àquilo para o que foi criado (...). A autonomia humana pecaminosa, longe de ser o caminho para a auto-realização humana, é, em si mesma, uma distorção daquilo que é huma-

---

<sup>39</sup> Carta ao Rei Francisco I de França, 3. In: *As Institutas*, Vol. I.

<sup>40</sup> João Calvino, *As Institutas*, I.1.2.

<sup>41</sup> Francis A. Schaeffer, *Como Viveremos?*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 51.

<sup>42</sup> Robert D. Knudsen, O Calvinismo Como uma Força Cultural: In: W. Stanford Reid, ed. *Calvino e Sua Influência no Mundo Ocidental*, São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990, p. 14.

<sup>43</sup> Robert D. Knudsen, O Calvinismo Como uma Força Cultural: In: W. Stanford Reid, ed. *Calvino e Sua Influência no Mundo Ocidental*, p. 19.

no".<sup>44</sup>

De modo semelhante, escreve André Biéler:

"A diferenciação clara das atribuições desses dois campos (teocentrismo e antropocentrismo) explica a grande liberdade com que Calvino soube combinar as valiosas conquistas do humanismo com os ensinamentos insubstituíveis da teologia, sem todavia cair nas enganosas sínteses almejadas pela escolástica romana e que importava evitar a todo preço....

"Calvino, foi, portanto, um humanista. E o foi no seu mais alto grau porque, ao conhecimento natural do homem pelo próprio homem, acrescentou, sem confundir, o conhecimento do homem que Deus revela à sua criatura através de Jesus Cristo. Não se tratava, pois, de dar as costas ao humanismo e sim de suplantá-lo dando-lhe talvez as suas mais amplas dimensões. De um conhecimento puramente antropocêntrico, Calvino queria passar ao conhecimento do homem total, cujo centro se localiza no mistério de Deus.

"Por vezes, ele se opôs aos humanistas, mas sua oposição não visava tanto ao humanismo como tal, e sim ao ateísmo e ao antropocentrismo exclusivo de alguns, confinados no seu orgulho intelectual e numa confiança ilimitada no homem incompatíveis com a fé cristã.

"Resumindo, enquanto a ciência da Idade Média foi a teologia, o estudo de Deus, a da Renascença foi o humanismo, o estudo do homem. A ciência de Calvino, por sua vez, é um humanismo teológico que inclui a um tempo o estudo do homem e da sociedade através do duplo conhecimento do homem pelo homem, de um lado, e do homem por Deus, de outro".<sup>45</sup>

Em síntese, podemos dizer, que o "humanismo" de Calvino era um "humanismo cristocêntrico", caracterizando-se pela compreensão de que o homem encontra a sua verdadeira essência no conhecimento de Deus.<sup>46</sup> Conhecer a Deus significa ter uma perspectiva clara de si mesmo; a recíproca também é verdadeira: não há conhecimento genuíno de Deus sem um conhecimento correto de si mesmo. . Portanto, não existe no pensamento de Calvino um possível dilema entre o antropocentrismo e o teocentrismo. Entre a natureza do homem e o Deus Soberano, temos a Palavra de Deus, concedida pelo próprio Deus para que O conheçamos e nos conheçamos, bem como toda a realidade. A revelação de Deus sempre é reivindicató-

---

<sup>44</sup> Robert D. Knudsen, O Calvinismo Como uma Força Cultural: In: W. Stanford Reid, ed. *Calvino e Sua Influência no Mundo Ocidental*, p. 20.

<sup>45</sup> André Biéler, *O Humanismo Social de Calvino*, São Paulo: Edições Oikoumene, 1970, p. 12-13.

<sup>46</sup> "Esse humanismo cristocêntrico, essa nova imagem do homem, redescoberta pelo Cristianismo reformado, permitia a cada indivíduo compreender que sua natureza atual era uma natureza degradada e que devia ser restaurada. Mas essa nova concepção permitia-lhe também descobrir que ele trazia em si, como toda pessoa, os traços maravilhosos de sua identidade primeira. Cada indivíduo podia, portanto, conhecer-se a si mesmo e redescobrir que toda a criação era também convidada para sua renovação (Rm 8.20-21)" (André Biéler, *A Força Oculta dos Protestantes*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999, p. 47).

ria: exige de nós uma resposta consciente a Deus, o Senhor.

A compreensão antropológica de Calvino é resultado de sua teologia;<sup>47</sup> Calvino é um teólogo que com profundo conhecimento bíblico esforçar-se por aplicar os ensinamentos da Palavra às diversas esferas da vida humana, a começar pela genuína compreensão de quem é o homem e como Deus deseja que vivamos neste mundo. Portanto, toda a sua análise parte da Revelação de Deus.

## C. Grandeza e Miséria do Homem:

### 1) IMAGEM E SEMELHANÇA CRIADAS:

Quanto ao homem, a dignidade e beleza estão em ter sido criado "à imagem e semelhança de Deus",<sup>48</sup> podendo, portanto, relacionar-se com o Seu Criador.<sup>49</sup> No homem a "Sua imagem e glória peculiarmente brilham".<sup>50</sup> O conhecimento de Deus, deve nos conduzir ao temor e à reverência, tendo a Deus como guia e mestre, buscando nEle todo o bem.<sup>51</sup>

A imagem e semelhança refletem em Adão características próprias por meio das quais ele poderia relacionar-se consigo mesmo, com o mundo e com Deus. O homem foi criado essencialmente como ser social: "O homem foi formado para ser um animal social".<sup>52</sup>

---

<sup>47</sup> Biéler resume: "A Reforma de Calvino é, de princípio e essencialmente, uma reforma teológica; tem em mira em primeiro lugar as relações do homem com Deus. Não é senão secundariamente, e em conseqüência destas relações, que a Reforma assume teor moral, social, político e econômico. (...) O homem é primariamente determinado em seu comportamento moral e social por suas relações com Deus; são elas que comandam o destino e lhe condicionam a vida individual e social. Logo, não há fazer de Calvino algo outro que um teólogo; e grande erro seria querer detrair de seu pensamento uma doutrina moral, ou política, ou econômica, independente de sua teologia" (André Biéler, *O Pensamento Econômico e Social de Calvino*, São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990, p. 257).

<sup>48</sup> Vejam-se: J. Calvino, *As Institutas*, I.15.3 e 4; John Calvin, *Commentaries on The First Book of Moses Called Genesis*, Grand Rapids, Michigan: Eerdmans Publishing Co., 1996 (Reprinted), Vol. 1, (Gn 1.26-27), p. 92, (Gn 5.1), p. 227; João Calvino, *A Verdadeira Vida Cristã*, São Paulo: Novo Século, 2000, p. 37-38; João Calvino, *O Livro dos Salmos*, São Paulo: Paracletos, 1999, Vol. 1, (Sl 8.7-9), p. 173-174; Juan Calvino, *Breve Instrucción Cristiana*, Barcelona: Fundación Editorial de Literatura Reformada, 1966, p. 25.

<sup>49</sup> Vd. Millard J. Erickson, *Introdução à Teologia Sistemática*, São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 207.

<sup>50</sup> John Calvin, *Commentaries on the Epistle of James*, Grand Rapids, Michigan: Baker Book House Company, 1996, (*Calvin's Commentaries*, Vol. XXII), (Tg 3.9), p. 322.

<sup>51</sup> Cf. J. Calvino, *As Institutas*, I.2.2.

<sup>52</sup> John Calvin, *Commentaries on The First Book of Moses Called Genesis*, Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1981 (Reprinted), Vol. I, (Gn 2.18), p. 128. Em outro lugar: "O homem é um animal social de natureza, conseqüentemente, propende por instinto natural a promover e conservar esta sociedade e, por isso, observamos que existem na mente de todos os homens impressões universais não só de uma certa proibidade, como também de uma ordem civil" (João Calvino, *As Institutas*, II.2.13).

A imagem de Deus é uma condição essencial para o nosso relacionamento com Deus. Expressa também a sua natureza essencial: o homem é o que é, por ser a imagem de Deus: não existiria humanidade senão pelo fato de ser a imagem de Deus; esta é a nossa existência autêntica e toda inclusiva. Portanto, o homem não simplesmente possui a imagem de Deus, como algo externo ou acessório, antes, ele é a própria imagem de Deus.

Como tal, o homem reflete a justiça e a santidade de Deus: é a “expressão mais nobre e sumamente admirável de Sua justiça, e sabedoria e bondade”.<sup>53</sup>

## 2) O PECADO E A IMAGEM DESFIGURADA:

O pecado alienou-nos de Deus e de nosso semelhante.<sup>54</sup> Com a queda o pecar tornou-se “humano” e isso, biblicamente, é desumano. O pecado, de certa forma, desumanizou-nos. A queda trouxe conseqüências desastrosas à imagem de Deus refletida no homem. Apesar de o pecado ter comprometido de forma gravíssima todas as suas faculdades originais, o homem não deixou de ser a imagem e semelhança de Deus (aspecto metafísico) – visto que isto implicaria em deixar de ser homem. Contudo, ele se tornou uma imagem desfigurada, desfocalizada, corrompida,<sup>55</sup> mais propriamente uma “caricatura” do Seu Criador, restando apenas uma “horrenda deformidade”.<sup>56</sup> O pecado trouxe como implicação, portanto, a perda do *aspecto ético* da imagem de Deus.<sup>57</sup>

---

<sup>53</sup> João Calvino, *As Institutas*, I.15.1.

<sup>54</sup> “Pelo pecado estamos alienados de Deus” [João Calvino, *Efésios*, (Ef 1.9), p. 32]; “Tão logo Adão alienou-se de Deus em conseqüência de seu pecado, foi ele imediatamente despojado de todas as coisas boas que recebera” [João Calvino, *Exposição de Hebreus*, São Paulo: Paracletos, 1997, (Hb 2.5), p. 57]. “Como a vida espiritual de Adão era o permanecer unido e ligado a seu Criador, assim também o dEle alienar-se foi-lhe a morte da alma” (João Calvino, *As Institutas*, II.1.5).

<sup>55</sup> Vejam-se: João Calvino, *As Institutas*, I.15.4; II.1.5; Juan Calvino, *Breve Instruccion Cristiana*, Barcelona: Fundación Editorial de Literatura Reformada, 1966, p. 13; João Calvino, *Efésios*, (Ef 4.24), p. 142; João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1, (Sl 8.5), p. 169; Vol. 2, (Sl 62.9), p. 579.

<sup>56</sup> “Pelo que, embora concedamos não haja sido nele aniquilada e apagada de toda a imagem de Deus, foi ela, todavia, corrompida a tal ponto que, o que quer que resta, é horrenda deformidade” (João Calvino, *As Institutas*, I.15.4). “É verdade que ao vir a este mundo, trazemos conosco um remanescente da imagem de Deus com a qual Adão foi criado: porém esta mesma imagem está tão desfigurada que estamos repletos de injustiças e em nossas mentes não há senão cegueira e ignorância” [Juan Calvino, *Se Deus fuera nuestro Adversario*: In: *Sermones Sobre Job*, Jenison, Michigan: T.E.L.L., 1988, (Sermon nº 6), p. 86]. “É verdade que ela não foi totalmente extinta; mas, infelizmente, quão ínfima é a porção dela que ainda permanece em meio à miserável subversão e ruínas da queda” [João Calvino, *O Livro dos Salmos*, São Paulo: Paracletos, 1999, Vol. 1, (Sl 8.5), p. 169]. Vejam-se: João Calvino, *As Institutas*, II.1.5; Juan Calvino, *Breve Instruccion Cristiana*, Barcelona: Fundación Editorial de Literatura Reformada, 1966, p. 13; João Calvino, *Efésios*, (Ef 4.24), p. 142.

<sup>57</sup> Vejam-se: João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 2, (Sl 51.5), p. 431-432. John Calvin, *Commentaries on the Epistle of James*, Grand Rapids, Michigan: Baker Book House Company, 1996, (Calvin's Commentaries, Vol. XXII), (Tg 3.9) p. 323; *As Institutas*, I.15.8; II.2.26,27.

Permanecem, portanto, no homem, “vestígios” do Seu Criador: “O primeiro homem foi criado por Deus em retidão; em sua queda, porém, arrastou-nos a uma corrupção tão profunda, que toda e qualquer luz que lhe foi originalmente concedida ficou totalmente obscurecida. (...) Só quando aliado ao conhecimento de Deus é que alguns dos dotes a nós conferido do alto se pode dizer que possui alguma excelência real. À parte disso, eles se acham viciados por aquele contágio do pecado que não deixou sequer um vestígio no homem de sua integridade original”.<sup>58</sup>

A sede da imagem de Deus no homem reside em sua alma; ela é espiritual.<sup>59</sup> Entretanto, esta imagem se irradia no “próprio homem exterior”,<sup>60</sup> inclusive no seu corpo, o que faz com que “a natureza do homem se sobreleva por entre todas as espécies de seres animados”.<sup>61</sup> Portanto, “que fique isso estabelecido, que a imagem de Deus que se percebe ou esplende nestas marcas exteriores é espiritual”.<sup>62</sup>

### 3) A IGNORÂNCIA ESPIRITUAL:

Antes de pecar, Adão tinha uma compreensão genuína a respeito de Deus. No entanto, “após a sua rebelião, ficou privado da verdadeira luz divina, na ausência da qual nada há senão tremenda escuridão”.<sup>63</sup> O seu conhecimento tornou-se totalmente nulo quanto à salvação.<sup>64</sup> A Queda trouxe sérias conseqüências: a morte e a escravidão. “Como a morte espiritual não é outra coisa senão o estado de alienação em que a alma subsiste em relação a Deus, já nascemos todos mortos, bem como vivemos mortos até que nos tornamos participantes da vida de Cristo”.<sup>65</sup> O pecado nos escravizou, nos corrompendo total-

---

<sup>58</sup> João Calvino, *O Livro dos Salmos*, São Paulo: Paracletos, 1999, Vol. 2, (Sl 62.9), p. 579.

<sup>59</sup> J. Calvino, *As Institutas*, I.15.3.

<sup>60</sup> J. Calvino, *As Institutas*, I.15.3. Comentando sobre este assunto Calvino diz: “não deixo, certamente, de admitir que a forma exterior, até onde nos distingue e separa dos animais brutos, a Deus, ao mesmo tempo, mais intimamente nos une. Nem mais veementemente contenderei, se alguém insista que sob [o conceito de] imagem de Deus se leve em conta que ‘os outros animais enquanto que para baixo inclinados, o solo contemplam, ao homem se deu um semblante voltado para cima, e se determinou para o céu mirar e à estrelas erguer os vultos eretos’, contanto que fique isso estabelecido, que a imagem de Deus que se percebe ou esplende nestas marcas exteriores é espiritual” (J. Calvino, *As Institutas*, I.15.3).

<sup>61</sup> Vd. J. Calvino, *As Institutas*, I.15.3. “Adão tinha suas afeições ajustadas a razão, todos os sentidos afinados em reta disposição e, mercê de exímios dotes, verdadeiramente refletia a excelência de seu opífice” (J. Calvino, *As Institutas*, I.15.3).

<sup>62</sup> J. Calvino, *As Institutas*, I.15.3.

<sup>63</sup> João Calvino, *Efésios*, (Ef 4.18), p. 137.

<sup>64</sup> “Depois da Queda do primeiro homem, nenhum conhecimento de Deus valeu para a salvação sem o Mediador” (João Calvino, *As Institutas*, II.6.1).

<sup>65</sup> João Calvino, *Efésios*, (Ef 2.1), p. 51.

mente.<sup>66</sup> “Todos nós estamos perdidos em Adão”.<sup>67</sup>

Com a perda do aspecto ético da imagem de Deus, o homem “... foi despojado de sua justiça original, sua razão foi obscurecida, sua vontade, pervertida, e que, sendo reduzido, a este estado de corrupção, trouxe filhos ao mundo semelhantes a ele em caráter. Se porventura alguém objetar, dizendo que essa geração se confina aos corpos, e que as almas jamais poderão derivar uns dos outros algo em comum, eu responderia que Adão, quanto em sua criação foi dotado com os dons do Espírito, não mantinha um caráter privativo ou isolado, mas que era o representante de toda a humanidade, que pode ser considerado como tendo sido dotado com esses dons em sua pessoa; e deste conceito necessariamente se segue que, quando ele caiu, todos nós, juntamente com ele, perdemos nossa integridade original”.<sup>68</sup> A nossa vontade, como agente de nosso intelecto,<sup>69</sup> agora, é oposta à vontade de Deus: “Observemos aqui que a vontade humana é em todos os aspectos oposta à vontade divina, pois assim como há uma grande diferença entre nós e Deus, também deve haver entre a depravação e a retidão”.<sup>70</sup> A imagem que agora refletimos estampa mais propriamente o caráter de Satanás.<sup>71</sup>

<sup>66</sup> “O gênero humano, depois que foi arruinado pela queda de Adão, ficou não só privado de um estado tão distinto e honrado, e despojado de seu primevo domínio, mas está também mantido cativo sob uma degradante e ignomínia escravidão” [João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1, (Sl 8.6), p. 171]. “Não teremos uma idéia adequada do domínio do pecado, a menos que nos convençamos dele como algo que se estende a cada parte da alma, e reconhecemos que tanto a mente quanto o coração humanos se têm tornado completamente corrompidos” [João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 2, (Sl 51.5), p. 431]

<sup>67</sup> João Calvino, *Efésios*, (Ef 1.4), p. 24.

<sup>68</sup> João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 2, (Sl 51.5), p. 431-432. Ver: John Calvin, *Commentaries on the Epistle of James*, Grand Rapids, Michigan: Baker Book House Company, 1996, (Calvin's Commentaries, Vol. XXII), (Tg 3.9) p. 323; *As Institutas*, I.15.8; II.2.26,27.

<sup>69</sup> Ver: James M. Boice, *O Evangelho da Graça*, São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 111. Agostinho (354-430), comentando o Salmo 148, faz uma analogia muito interessante: “Como nossos ouvidos captam nossas palavras, os ouvidos de Deus captam nossos pensamentos. Não é possível agir mal quem tem bons pensamentos. Pois as ações procedem do pensamento. Ninguém pode fazer alguma coisa, ou mover os membros para fazer algo, se primeiro não preceder uma ordem de seu pensamento, como do interior do palácio, qualquer coisa que o imperador ordenar, emana para todo o império romano; tudo o que se realiza através das províncias. Quanto movimento se faz somente a uma ordem do imperador, sentado lá dentro? Ao falar, ele move somente os lábios; mas move-se toda a província, ao se executar o que ele fala. Assim também em cada homem, o imperador acha-se no seu íntimo, senta-se em seu coração; se é bem e ordena coisas boas, elas se fazem; se é mau, e ordena o mal, o mal se faz” [Agostinho, *Comentário aos Salmos*, São Paulo: Paulus, (Patrística, 9/3), 1998, Vol. III, (Sl 148.1-2), p. 1126-1127].

<sup>70</sup> João Calvino, *Exposição de Romanos*, São Paulo: Paracletos, 1997, (Rm 8.7), p. 266-267. “O intelecto do homem está de fato cegado, envolto em infinitos erros e sempre contrário à sabedoria de Deus; a vontade, má e cheia de afeições corruptas, odeia a justiça de Deus; e a força física, incapaz de boas obras, tende furiosamente à iniquidade” (João Calvino, *Instrução na Fé*, Goiânia, GO: Logos Editora, 2003, Cap. 4, p. 15).

<sup>71</sup> “Moral e espiritualmente, o caráter do homem estampa a imagem de Satanás, e não a de Deus. Ora, é precisamente isso o que a Bíblia quer dizer quando fala sobre o homem caí-

Deus faz uma analogia extremamente forte para ilustrar a nossa situação. Ele toma dois animais difíceis de trato: o boi e o jumento. Mostra que a obtusidade, a timidez e a dificuldade de condução destes animais dão-se pela sua própria natureza; no entanto, assim mesmo, eles sabem reconhecer os seus donos, aqueles que lhes alimentam. O homem, por sua vez, como coroa da criação, cedendo ao pecado perdeu totalmente o seu discernimento espiritual; já não reconhecemos nem mesmo o nosso Criador; antes lhe voltamos as costas e prosseguimos em outra direção:<sup>72</sup> “O boi conhece o seu possuidor, e o jumento, o dono da sua manjedoura; mas Israel não tem conhecimento, o meu povo não entende. Ai desta nação pecaminosa, povo carregado de iniquidade, raça de malignos, filhos corruptores; abandonaram o SENHOR, blasfemaram do Santo de Israel, voltaram para trás” (Is 1.3-4).

## D. A Justificação pela Fé: O Caminho de Deus para o Homem:

A imagem de Deus no homem, corrompida pela queda, é restaurada por intermédio da salvação em Cristo, que tem por objetivo nos fazer à imagem e semelhança dEle.<sup>73</sup> Desta forma Cristo nos remodela à imagem de Deus. Vejamos alguns aspectos desta restauração:

### 1) A SOBERANA GRAÇA DE DEUS NA SALVAÇÃO:

Graça pode ser definida como um favor imerecido, manifestado livre e continuamente por Deus aos pecadores que se encontravam num estado de depravação e miséria espirituais, merecendo o justo castigo pelos seus pecados (Rm 4.4/Rm 11.6; Ef 2.8,9).<sup>74</sup>

Calvino, diz que a graça é um antídoto contra a corrupção de nossa natureza.<sup>75</sup> Em outro lugar: “O acesso à salvação a ninguém é vetado, por mais graves e ultrajantes sejam seus pecados”.<sup>76</sup> A nossa salvação é decorrente do Pacto da Graça, por meio do qual Deus confiou o Seu povo ao Seu Filho para que Este viesse entregar a Sua vida por ele. Cristo deu a Sua vida em favor de todos aqueles que o

---

do no pecado como ‘filho do diabo’. (Jo 8.44; Mt 13.38; At 13.10 e 1Jo 3.8)” (J.I. Packer, *Vocabulos de Deus*, São José dos Campos, SP.: Fiel, 1994, p. 67).

<sup>72</sup> Lloyd-Jones explora com vivacidade a analogia do texto. Veja-se: D.M. Lloyd-Jones, *O Caminho de Deus, não o nosso*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 2003, p. 43-46.

<sup>73</sup> “É, por isso, o começo da recuperação da salvação temô-lo nesta restauração que conseguimos através de Cristo, que, por esta causa, é também chamado Segundo Adão, por isso que nos restitui à verdadeira e completa integridade” (J. Calvino, *As Institutas*, I.15.4).

<sup>74</sup> “Ora, ao que trabalha, o salário não é considerado como favor, e sim como dívida” (Rm 4.4). “E, se é pela graça, já não é pelas obras; do contrário, a graça já não é graça” (Rm 11.6). “Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie” (Ef 2.8,9).

<sup>75</sup> João Calvino, *Romanos*, 2ª ed. São Paulo: Parakletos, 2001, (Rm 3.4), p. 111.

<sup>76</sup> João Calvino, *As Pastorais*, São Paulo: Parakletos, 1998, (1Tm 1.15), p. 43.

Pai Lhe confiara na eternidade<sup>77</sup> (Is 42.6/2Tm 1.9; Jo 6.39;<sup>78</sup> 17.1,6-26). Assim, todos os homens – judeus e gentios – tanto no Antigo como no Novo Testamento foram salvos pela graça. Assim declara o Apóstolo Paulo: “Mas cremos que fomos salvos pela graça do Senhor Jesus, como também aqueles o foram” (At 15.11).

Mérito e graça são conceitos que se excluem: “E, se é pela graça, já não é pelas obras; do contrário, a graça já não é graça” (Rm 11.6). “A graça divina e o mérito das obras humanas são tão opostos entre si que, se estabelecermos um, destruiremos o outro”, conclui Calvino (1509-1564).<sup>79</sup> De fato, a graça tem sempre como pressuposto a indignidade daquele que a recebe.<sup>80</sup> A graça brilha nas trevas do pecado; desta forma, a idéia de merecimento está totalmente excluída da salvação por graça (Ef 2.8,9; 2Tm 1.9).<sup>81</sup> Não há mérito humano na fé. A Palavra de Deus nos ensina que a nossa salvação é por Deus, porque é Ele Quem faz tudo;<sup>82</sup> por isso, o homem não pode criar a graça, antes, ela lhe é outorgada, devendo ser recebida sem torná-la vã em sua vida (2Co 6.1; 8.1/1Co 15.10). “Uma manifestação mais intensa da graça de Deus para conosco equivale um maior peso de culpa sobre nós, se porventura viermos a desprezá-la”.<sup>83</sup>

## 2) O ARREPENDIMENTO POR GRAÇA:

O arrependimento sincero é uma “concessão” de Deus: “... Porque a triste-

<sup>77</sup> Vd. John Gill, *A Complete Body of Doctrinal and Practical Divinity*, Arkansas: The Baptist Standard Bearer, 1989 (Reprinted), I.13. p. 83. [John Gill, “A Complete Body of Doctrinal and Practical Divinity,” *The Collected Writings of: John Gill*, [CD-ROM], (Albany, OR: Ages Software, 2000), I.13].

<sup>78</sup> “Eu, o SENHOR, te chamei em justiça, tomar-te-ei pela mão, e te guardarei, e te farei mediador da aliança com o povo e luz para os gentios” (Is 42.6). “Que nos salvou e nos chamou com santa vocação; não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos” (2Tm 1.9). “E a vontade de quem me enviou é esta: que nenhum eu perca de todos os que me deu; pelo contrário, eu o ressuscitarei no último dia” (Jo 6.39).

<sup>79</sup> J. Calvino, *Exposição de Romanos*, (Rm 11.6), p. 388.

<sup>80</sup> Veja-se: A. Booth, *Somente pela Graça*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1986, p. 13.

<sup>81</sup> “Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie” (Ef 2.8,9). “Que nos salvou e nos chamou com santa vocação; não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos” (2Tm 1.9).

<sup>82</sup> “... Em sua inteireza a nossa salvação procede do Senhor. É sua realização. Ele mesmo apresenta Sua noiva a Si mesmo porque ninguém mais pode fazê-lo, ninguém mais é competente para fazê-lo. Somente Ele pode fazê-lo. Ele fez tudo por nós, do princípio ao fim, e concluirá a obra apresentando-nos a Si mesmo com toda esta glória aqui descrita” [D.M. Lloyd-Jones, *Vida No Espírito: No Casamento, no Lar e no Trabalho*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1991, (Ef 5.27) p. 137]. Do mesmo modo acentua Murray: “A salvação é do Senhor, tanto em sua aplicação como em sua concepção e realização” (John Murray, *Redenção: Consumada e Aplicada*, p. 98). Veja-se, R.B. Kuiper, *El Cuerpo Glorioso de Cristo*, Michigan: SLC., 1985, p. 169ss; 177ss.; C.H. Spurgeon, *Sermões Sobre a Salvação*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1992, p. 12ss.

<sup>83</sup> João Calvino, *Gálatas*, São Paulo: Paracletos, 1998, (Gl 4.9), p. 127.

za segundo Deus produz arrependimento (μετάνοια) para a salvação...” (2Co 7.10/2Tm 2.25). “...a bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento (μετάνοια)” (Rm 2.4/Hb 12.17). “A fé e o arrependimento não devem ser reputados coisas meritórias mediante as quais merecemos o perdão. Pelo contrário, são os meios pelos quais nos apropriamos da graça de Deus”.<sup>84</sup> Em síntese: “O arrependimento não está no poder do homem”.<sup>85</sup> Por isso, ele é próprio do novo homem.<sup>86</sup>

O arrependimento envolve a nossa mente, sentimento e vontade.<sup>87</sup> Ele consiste numa mudança de mente, ocasionando um sentimento de tristeza pelos nossos pecados, que se caracteriza de forma concreta no seu abandono,<sup>88</sup> refletindo isso na adoção de novos valores, idéias, objetivos e práticas. Como resume Packer: “A mudança é radical, tanto interior como exteriormente: ânimo e opinião, vontade e afetos, conduta e estilo de vida, motivos e propósitos são todos envolvidos. Arrependimento significa começo de uma nova vida”.<sup>89</sup> O arrependimento distingue-se, assim, do remorso, que é apenas uma tristeza por um ato pecaminoso, em geral, percebido por causa das conseqüências, ainda que parciais, do seu pecado. (Jr 3.7). Esta tristeza (remorso) pelo pecado faz parte do arrependimento, contudo, ela sozinha é insuficiente.

O conceito de arrependimento, envolvendo uma mudança radical na vida do homem é um conceito cristão, sem paralelo na literatura grega.<sup>90</sup> O arrependimento bíblico consiste em voltar-se total e integralmente para Deus. O arrependimento, portanto, envolve uma atitude de abandono do pecado e uma prática da Palavra de Deus. Esta prática consiste nos “frutos do arrependimento”. Paulo, testemunhando diante do rei Agripa a respeito do seu ministério, diz: “*Pelo que ó rei Agripa, não fui desobediente à visão celestial, mas anunciei primeiramente aos de Damasco e em Jerusalém, por toda a região da Judéia, e aos gentios, que se arrependessem e se convertessem a Deus praticando obras dignas de arrependimento (μετάνοια)*” (At 26.19,20. Vd. também: At 20.21/Lc 3.8).

O arrependimento e a fé são passos iniciais, inseparáveis e complementares<sup>91</sup> da

<sup>84</sup> Leon Morris, Perdão: In: J.D. Douglas, ed. org. *O Novo Dicionário da Bíblia*, São Paulo: Junta Editorial Cristã, 1966, Vol. III, p. 1268a.

<sup>85</sup> João Calvino, *Exposição de Hebreus*, (Hb 6.6), p. 155.

<sup>86</sup> Cf. Herman Bavinck, *Teologia Sistemática*, Santa Bárbara d'Oeste, SP.: SOCEP., 2001, p. 479.

<sup>87</sup> Hoekema assim define: “o retorno consciente da pessoa regenerada, para longe do pecado e para perto de Deus, numa completa mudança de vida, manifestando-se numa nova maneira de pensamento, sentimento e vontade” (Anthony A. Hoekema. *Salvos Pela Graça*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1997, p. 133). Especialmente, p. 133-135.

<sup>88</sup> Ver: Herman Bavinck, *Teologia Sistemática*, Santa Bárbara d'Oeste, SP.: SOCEP., 2001, p. 479-480.

<sup>89</sup> J.I. Packer, *Teologia Concisa*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999, p. 152.

<sup>90</sup> Cf. J. Goetzmann, Conversão: In: Colin Brown, ed. ger. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, São Paulo: Vida Nova, 1981-1983, Vol. I, p. 499.

<sup>91</sup> “O arrependimento é fruto da fé, que é, ela própria, fruto da regeneração. Contudo, na

vida cristã como resposta ao chamado divino; no entanto, ambos devem acompanhar a nossa vida; devemos continuar crendo em Deus em todas as circunstâncias e cultivar, pelo Espírito, uma atitude de arrependimento pelas nossas falhas. Deus deseja que procuremos agradá-Lo em todas as coisas; no entanto, sabemos que pecamos, que falhamos, que não atingimos o alvo proposto por Deus; por isso, conscientes de nossos pecados, devemos nos arrepender, buscando o perdão de Deus e o reparo para o nosso erro. Na disciplina de Deus, Ele, além de revelar a Sua justiça, tem, em seus filhos, este propósito primordial: conduzir-nos ao arrependimento: “Porque a Deus não Lhe basta ferir-nos com sua mão, a menos que também nos toque interiormente com Seu Espírito Santo. (...) Até que Deus nos toque no mais profundo de nosso interior, é certo que não faremos nada senão dar coices contra Ele, cuspidos mais e mais veneno; e toda vez que nos castigue rangeremos os dentes, e nada mais faremos senão atacar-Lhe. (...) Então vocês vêem como Deus mostra Sua justiça cada vez que castiga aos homens, ainda que dito castigo resulte não em uma correção para sua correção”.<sup>92</sup>

A *Confissão de Westminster* (1647) resume: “... O pecador pelo arrependimento, de tal maneira sente e aborrece os seus pecados, que, deixando-os, se volta para Deus, tencionando e procurando andar com Ele em todos os caminhos dos seus mandamentos” (XV.2).

### 3) A GRAÇA QUE NOS CAPACITA A CRER:

Deus é Quem abre os nossos corações e mentes, para que possamos entender salvadoramente a mensagem do Evangelho. Após a ressurreição de Cristo os discípulos ainda não entendiam adequadamente as Escrituras em relação ao Messias, Jesus Cristo. Com dois deles, no caminho de Emaús, o Senhor abriu-lhes os olhos para que a compreendessem e cressem por meio da exposição das Escrituras. Foi esta a percepção deles. Narra Lucas: “E aconteceu que, quando estavam à mesa, tomando ele o pão, abençoou-o e, tendo-o partido, lhes deu; então, se lhes abriram (διανοιίγω)<sup>93</sup> os olhos, e o reconheceram; mas ele desapareceu da presença deles. E disseram um ao outro: Porventura, não nos ardia o coração, quando ele,

---

vida real, o arrependimento é inseparável da fé, sendo o aspecto negativo (a fé é o aspecto positivo) de voltar-se para Cristo como Senhor e Salvador. A idéia de que pode haver fé salvadora sem arrependimento, e que uma pessoa pode ser justificada por aceitar Jesus como Salvador, e ao mesmo rejeitá-lo como Senhor, é uma ilusão destrutiva” (J.I. Packer, *Teologia Concisa*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999, p. 152-153).

<sup>92</sup> Juan Calvino, Bienaventurado el Hombre a Quem Dios Corrige: In: *Sermones Sobre Job, Jenison*, Michigan: T.E.L.L., 1988, (Sermon nº 3), p. 48. “Estejamos seguros de que quando Deus nos faz sentir Sua mão, de modo a humilhar-nos sob ela, que Deus nos está fazendo um favor especial, e que se trata de um privilégio que Ele não concede a ninguém, senão a seus próprios filhos” [Juan Calvino, Bienaventurado el Hombre a Quem Dios Corrige: In: *Sermones Sobre Job*, p. 49]. (Ver também: João Calvino, *As Institutas*, (1541), IV.17; João Calvino, *O Livro dos Salmos*, São Paulo: Parakletos, 2002, Vol. 3, (Sl 79.1), p. 250.

<sup>93</sup> Este verbo tem uma aplicação espiritual, conforme a do texto de Lc 24.31,32,45, e também física (Mc 7.34-35).

pelo caminho, nos falava, quando nos expunha (διδασκῶ) as Escrituras?” (Lc 24.30-32). Agora, com os demais discípulos, Jesus mostra como as Escrituras se cumpriram em Seu ministério, vida, morte e ressurreição. Lucas resume: “Então, lhes abriu (διδασκῶ) o entendimento (νοῦς) para compreenderem (συνίημι) as Escrituras” (Lc 24.45). De passagem, podemos observar que o caminho para atingir a mente e o coração das pessoas é a exposição da Palavra. O Espírito que opera por meio dela não força as evidências, nem nos obriga a diminuir a nossa capacidade de pensar, antes, nos faz enxergar e crer nas evidências. (At 3.16; 16.14; 18.27; Rm 4.16; 1Co 3.5; Fp 1.29).<sup>94</sup> Lucas relata: “Paulo, segundo o seu costume, foi procurá-los e, por três sábados, arrazoou com eles acerca das Escrituras, expondo (διδασκῶ = “explicando”, “interpretando”) e demonstrando ter sido necessário que o Cristo padecesse e ressurgisse dentre os mortos; e este, dizia ele, é o Cristo, Jesus, que eu vos anuncio” (At 17.3).

Deus não nos elegeu na eternidade porque um dia teríamos fé; mas sim, para que tivéssemos fé: Sem a graça de Deus não haveria fé.<sup>95</sup> A fé é essencial à salvação, como uma evidência da nossa eleição: Só os que crêem serão salvos; só crêem os eleitos! (1Ts 1.3,4; 2Ts 2.13; Tt 1.1). A fé não tem méritos salvadores; ela é apenas o instrumento gracioso de Deus para a apropriação da salvação preparada pelo Trino Deus para o Seu povo escolhido (Lc 8.12; At 16.31; 1Co 1.21; Ef 2.8; 2Ts 2.13).<sup>96</sup>

“Eu não me apresento – escreveu Schaeffer – presunçosamente pensando que posso salvar a mim mesmo, mas entregando-me ao trabalho completo de Cristo e às promessas escritas de Deus. Minha fé é simplesmente as mãos vazias com as quais aceito a dádiva de Deus”.<sup>97</sup>

<sup>94</sup> “Pela fé em o nome de Jesus, é que esse mesmo nome fortaleceu a este homem que agora vedes e reconheceis; sim, a fé que vem por meio de Jesus deu a este saúde perfeita na presença de todos vós” (At 3.16). “Certa mulher, chamada Lídia, da cidade de Tiatira, vendedora de púrpura, temente a Deus, nos escutava; o Senhor lhes abriu (διδασκῶ) o coração para atender às coisas que Paulo dizia” (At 16.14). “Querendo ele percorrer a Acaia, animaram-no os irmãos e escreveram aos discípulos para o receberem. Tendo chegado, auxiliou muito aqueles que, mediante a graça, haviam crido” (At 18.27). “Essa é a razão por que provém da fé, para que seja segundo a graça, a fim de que seja firme a promessa para toda a descendência, não somente ao que está no regime da lei, mas também ao que é da fé que teve Abraão (porque Abraão é pai de todos nós)” (Rm 4.16). “Quem é Apolo? E quem é Paulo? Servos por meio de quem crestes, e isto conforme o Senhor concedeu a cada um” (1Co 3.5). “Porque vos foi concedida a graça de padecerdes por Cristo e não somente de crerdes nele” (Fp 1.29).

<sup>95</sup> “É pela fé que nos apropriamos da graça de Deus, a qual está oculta e é desconhecida do entendimento carnal” [João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1, (SI 13.5), p. 267].

<sup>96</sup> “A fé, que é apenas o instrumento de apropriar-se a justiça, como Cristo, Que é a causa material e, a um só tempo, Autor e Ministro de tão grande benefício (justificação)” (João Calvino, *As Institutas*, III.11.7).

<sup>97</sup> Francis A. Schaeffer, *O Deus Que Intervém*, São Paulo: Refúgio/ABU, 1981, p. 208. Figura semelhante encontramos em outros autores: “A fé é, por assim dizer, a mão pela qual o pecador recebe a salvação oferecida por Deus” (R.B. Kuiper, *Evangelização Teocêntrica*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1976, p. 20). “A salvação é um dom, e o pecador não contribui com nada, tendo apenas as mãos vazias estendidas para recebê-la. Mesmo esse simples ato de fé em si mesmo é da iniciativa divina, e não pela autogeração autônoma. A fé salvadora é, em si mesma, um dom, não uma capacidade natural pela qual simplesmente

A razão estigmatizada pelo pecado, que se mostra tão eficaz nas coisas naturais, perde-se diante do mistério de Deus revelado em Cristo e, também diante da Revelação geral na Natureza: “As mentes humanas são cegas a essa luz, a qual resplandece em todas as coisas criadas, até que sejam iluminadas pelo Espírito de Deus e comecem a compreender, pela fé, que jamais poderão entendê-lo de outra forma”.<sup>98</sup> A graça, portanto, antecede à fé e ao conhecimento.<sup>99</sup> “Se Deus não se antecipasse aos homens com sua graça, todos eles pereceriam totalmente”.<sup>100</sup> A fé consiste na convicção de que a salvação está além de nossos recursos; no caso da fé salvadora, significa que depositamos nossa fé em Deus por intermédio de Cristo.<sup>101</sup>

Sem a graça de Deus jamais creríamos na Mensagem do Evangelho, jamais poderíamos entendê-la de forma salvadora, portanto, de modo algum seríamos salvos.

#### 4) JESUS CRISTO, O JUSTO QUE NOS JUSTIFICA:

De acordo com as Escrituras, ou somos justificados por Cristo por meio fé, ou estamos definitivamente condenados. Não há meio-termo, não há síntese entre nossas supostas obras e a fé em Cristo. Não há meia-justiça; ou é tudo ou nada. Para a Teologia Reformada, a justificação é totalmente pela graça, mediante a fé; ou seja: por Cristo Jesus.<sup>102</sup>

Jesus Cristo é o único que cumpriu perfeitamente a justiça divina. Portanto, somente nEle podemos e de fato somos declarados justos. A graça nos justifica na justiça de Cristo. Deste modo, não é a fé que nos justifica, antes, é Deus quem nos justifica em Cristo nos comunicando esta bênção pela fé. A fé em Cristo é o esvaziamento de toda confiança em nossa capacidade e merecimento. A eficácia da fé não está em sua suposta perfeição – aliás, nossa fé sempre é limitada e imperfeita –,

---

decidimos concentrar em Cristo como um objeto de nossa confiança” (R.K. McGregor Wright, *A Soberania Banida*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1998, p. 102). “A fé não é base nem a substância de nossa justificação. É a mão, o instrumento, o vaso que recebe a dádiva divina oferecida a nós no Evangelho” [Joel R. Beeke, *Justificação pela Fé Somente (A Relação da Fé com a Justificação)*: In: John F. MacArthur, Jr., et. al., *A Marca da Vitalidade Espiritual da Igreja: Justificação pela Fé Somente*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, (2000), p. 53].

<sup>98</sup> João Calvino, *Exposição de Hebreus*, São Paulo: Paracletos, 1997, (Hb 11.3), p. 299.

<sup>99</sup> “Diz ele [Paulo] que, antes que nascêssemos, as boas obras haviam sido preparadas por Deus; significando que por nossas próprias forças não somos capazes de viver uma vida santa, mas só até ao ponto em que somos adaptados e moldados pelas mãos divinas. Ora, se a graça de Deus nos antecipou, então toda e qualquer base para vanglória ficou eliminada” [João Calvino, *Efésios*, (Ef 2.10), p. 64].

<sup>100</sup> João Calvino, *O Livro dos Salmos*, São Paulo: Paracletos, 1999, Vol. 1, (Sl 25.8), p. 548.

<sup>101</sup> Vd. Wayne A. Grudem, *Teologia Sistemática*, p. 147.

<sup>102</sup> Veja-se: João Calvino, *Gálatas*, São Paulo: Paracletos, 1998, (Gl 2.15-16), p. 68-71..

mas, no seu repouso humilde e total na justiça perfeita de Cristo.<sup>103</sup>

Não existe justificação sem a pessoa e obra de Cristo (Rm 3.24; Tt 3.7<sup>104</sup>).<sup>105</sup> “A justiça que nos justifica, portanto, não deve ser separada da pessoa de Cristo. Ela não consiste de um dom material ou espiritual que Cristo nos concede fora de Si mesmo, ou que nós podemos aceitar e receber sem que aceitemos e recebamos a pessoa de Cristo. Não há possibilidade de se desfrutar dos benefícios de Cristo sem que haja comunhão com a pessoa de Cristo e a comunhão com Cristo invariavelmente traz consigo os benefícios de Cristo. Para ser aceito diante de Deus, para ser livre de toda culpa e punição e para desfrutar da glória de Deus e da vida eterna, nós temos que ter Cristo, não algo dele, mas o próprio Cristo”.<sup>106</sup>

A justificação é o fundamento judicial da santificação;<sup>107</sup> aqui há uma mudança na nossa condição legal: Deus declara que já não há mais culpa em nós; aqui de fato passamos a ter vida;<sup>108</sup> mudamos da situação de um condenado que aguardava tristemente a terrível sentença condenatória para a condição de filho de Deus, na expectativa da sua majestosa herança (Rm 8.14-18).<sup>109</sup> É importante enfatizar que na justificação “Deus não declara que o ímpio é santo; ele declara que, não obstante sua pecaminosidade e indignidade pessoal, ele é aceito como justo com base no que Cristo fez por ele”.<sup>110</sup>

A justificação – que ocorre fora de nós – não produz nenhuma transformação espiritual em nosso ser. Contudo, significa que Deus já a fez pela regeneração e continuará fazendo pela santificação. Na regeneração recebemos um coração novo, com uma santa disposição; na justificação Deus nos declara justos, perdoados todos os nossos pecados, os quais foram pagos definitivamente por Cristo; por isso, já não há nenhuma condenação sobre nós; estamos em paz com Deus amparados pela justiça de Cristo (Vd. Rm 5.1; 8.1,31-33). O preço de nossa justificação, para nós gratuita,

<sup>103</sup> Ver: Joel R. Beeke, *Justificação pela Fé Somente (A Relação da Fé com a Justificação)*: In: John F. MacArthur, Jr., et. al., *A Marca da Vitalidade Espiritual da Igreja: Justificação pela Fé Somente*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, (2000), p. 54.

<sup>104</sup> “*Sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus*” (Rm 3.24). “*A fim de que, justificados por graça, nos tornemos seus herdeiros, segundo a esperança da vida eterna*” (Tt 3.7).

<sup>105</sup> Ver: Michael Horton, *União com Cristo*. In: Michael Horton, org., *Cristo o Senhor: A Reforma e o Senhorio da Salvação*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2000, p. 105-106; Charles Hodge, *Teologia Sistemática*, p. 1115.

<sup>106</sup> Herman Bavinck, *Teologia Sistemática*, p. 499.

<sup>107</sup> Vd. L. Berkhof, *Teologia Sistemática*, Campinas, SP.: Luz para o Caminho, 1989, p. 540.

<sup>108</sup> Vd. George Whitefield, *Cristo: Sabedoria, Justiça, Santificação, Redenção*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, (s.d.), p. 8.

<sup>109</sup> Vd. J.I. Packer, *O Conhecimento de Deus*, São Paulo: Mundo Cristão, 1980, p. 121.

<sup>110</sup> Charles Hodge, *Teologia Sistemática*, São Paulo, Hagnos Editora, 2001, p. 1115.

foi o sangue de Cristo Jesus. A justificação, por envolver a regeneração,<sup>111</sup> é uma vocação incondicional à santificação, conforme a vontade de Deus.<sup>112</sup> A justificação nos livra da condenação do pecado. Deus chama pecadores, todavia, não deseja que eles continuem assim; antes, infunde neles a justiça de Cristo, dando-lhes um novo coração, mudando as inclinações de sua alma, habilitando-os a toda boa obra (Ef 2.8-10).<sup>113</sup> "Cristo a ninguém justifica, a quem ao mesmo tempo, não santifique".<sup>114</sup> Todavia, a realidade do pecado ainda existe em nós; o justificado é simultaneamente justo e pecador ("*Simul justus et peccator*"), conforme expressão de Lutero (1483-1546).<sup>115</sup> Ele é declarado justo por Deus; as evidências de seu novo nascimento vão, gradativamente se tornando mais claras por meio de sua obediência a Deus em santificação.

A nossa justificação é pela graça mediante a fé (Gl 3.11; Fp 3.9; Tt 3.4-7). "...A fé é o instrumento pelo qual o pecador recebe e aplica a si tanto Cristo como sua justiça".<sup>116</sup> O veredicto de Deus sobre o pecador o considera justo porque ele, pela fé, aceitou a justiça de Cristo. Esta justiça nada tem a ver com obras humanas, antes, é a "justiça de fé".

## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A santidade de Deus se revela na cruz, onde o seu amor e a sua justiça se evidenciam de forma eloqüente e perfeita.<sup>117</sup> A cruz não fez Deus nos amar, antes, o

<sup>111</sup> "A regeneração é inseparável de seus efeitos, e um destes efeitos é a fé" (John Murray, *Redenção: Consumada e Aplicada*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1993, p. 119).

<sup>112</sup> "É certamente verdade que somos justificados em Cristo tão-somente pela misericórdia divina, mas é igualmente verdade e correto que todos quantos são justificados são chamados pelo Senhor para que vivam uma vida digna de sua vocação. Portanto, que os crentes aprendam abraçá-lo, não somente para a justificação, mas também para a santificação, assim como ele se nos deu para ambos os propósitos, para que não venham a mutilá-lo com uma fé igualmente mutilada" [J. Calvino, *Exposição de Romanos*, (Rm 8.13), p. 274]. Ver também: João Calvino, *Efésios*, (Ef 2.10), p. 63.

<sup>113</sup> "A justificação é unicamente pela fé. A santificação não é unicamente pela fé. A totalidade da vida cristã é uma vida de fé, porém na santificação temos que agir, e desenvolver, despir-nos e vestir-nos; como o apóstolo nos diz em todos esses pormenores que nos oferece aqui. [Ef 4]" (D.M. Lloyd-Jones, *As Trevas e a Luz*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1995, p. 130).

<sup>114</sup> J. Calvino, *As Institutas*, III.16.1.

<sup>115</sup> Vejam-se: G.C. Berkouwer, *Faith and Sanctification*, Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1952, p. 71ss.; R.C. Sproul, A Natureza Forense da Justificação: In: John F. MacArthur, Jr., et. al., *A Marca da Vitalidade Espiritual a Igreja: Justificação pela Fé Somente*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, (2000), p. 34.

<sup>116</sup> *Catecismo Maior de Westminster*, Pergunta 73.

<sup>117</sup> "A cruz e a coroa revelam não apenas as virtudes do Filho, mas também do Pai. Todos os atributos divinos alcançam plena expressão aqui. Dentre todas elas, uma sobressai: a justiça do Pai. Se Ele não tivesse sido justo, certamente não teria entregue Seu Filho Unigênito. E também, se não fosse justo, Ele não teria recompensado o Filho por Seu sofrimento. Mais, por

Seu amor por nós a produziu e se revelou ali.<sup>118</sup>

Enquanto para nós as circunstâncias servem de pretexto para os nossos atos pecaminosos e os posteriores atenuantes, para Deus tais circunstâncias – sobre as quais tem total domínio: Ele também é o Senhor das circunstâncias – oportunizam a manifestação do que Ele é em Sua essência. O pecado não tornou Deus misericordioso, santo ou justo; Ele é eternamente misericordioso, santo e justo. No entanto, o pecado propiciou a Deus, por sua livre graça, revelar-se desta forma para conosco. Na cruz vemos a manifestação gloriosa dos atributos de Deus. “A justiça e o amor se encontraram e se abraçaram. Os santos atributos de Deus são glorificados juntamente na morte do Filho de Deus na cruz”.<sup>119</sup> Não haveria para nenhum de nós salvação de nossos pecados sem a justificação. Da mesma forma, existe a justificação porque Jesus Cristo é a nossa justiça; é Ele mesmo quem nos redime (1Co 1.30).<sup>120</sup>

A doutrina da justificação pela fé como um dos pilares da Reforma,<sup>121</sup> estabelece o caminho bíblico entre sacerdotalismo (fé mais obras), a anomia (salvos pela graça estamos livres para fazer o que bem entendermos) e o legalismo (salvos pela observância da lei). A visão Reformada aponta para o fato de nossa total incapacidade de nos salvar a nós mesmos. Ao mesmo tempo, enfatiza a livre graça de Deus que providencia a salvação para o Seu povo. A salvação, portanto, está condicionada à fé em Cristo Jesus, recebendo os seus merecimentos, sendo transformados por Deus e, deste modo, declarados justos aos olhos de Deus.<sup>122</sup>

Sem a compreensão adequada da doutrina da justificação pela fé, não há Evangelho a ser anunciado.<sup>123</sup> Só há Evangelho se de fato houver a Boa Nova da perfeita justiça de Cristo que é-nos imputada pela graça. O Evangelho tem como uma de su-

meio dos louvores da multidão salva, o Pai (bem como o Filho) é glorificado” [William Hendriksen, *O Evangelho de João*, São Paulo: Cultura Cristã, 2004 (Jo 17.1), p. 754].

<sup>118</sup> Veja-se: D.M. Lloyd-Jones, *Deus o Pai, Deus o Filho*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1997 (Grandes Doutrinas Bíblicas, Vol. 1), p. 426.

<sup>119</sup> David Martyn Lloyd-Jones, *Uma Nação sob a Ira de Deus: estudos em Isaías 5*, 2ª ed. Rio de Janeiro: Textus, 2004, p. 222.

<sup>120</sup> Ver: John Murray, *Redenção: Consumada e Aplicada*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1993, p.

19.

<sup>121</sup> “A justificação foi a doutrina que acendeu a Reforma” [John F. MacArthur, Jr., *Muito Antes de Lutero: Jesus e a Doutrina da Justificação*: In: John F. MacArthur, Jr., et. al., *A Marca da Vitalidade Espiritual da Igreja: Justificação pela Fé Somente*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, (2000), p. 15].

<sup>122</sup> “A visão reformada da justificação forense se fundamenta no princípio de que pela imputação da justiça de Cristo o pecador é agora feito formalmente, mas não materialmente, justo aos olhos de Deus” [R.C. Sproul, *Justificação pela Fé Somente: a natureza forense da justificação*: In: John F. MacArthur, Jr., et. al., *A Marca da Vitalidade Espiritual da Igreja: Justificação pela Fé Somente*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, (2000), p. 33].

<sup>123</sup> “Um entendimento correto sobre a justificação pela fé constitui o fundamento do Evangelho” [John F. MacArthur, Jr., *Muito Antes de Lutero: Jesus e a Doutrina da Justificação*: In: John F. MacArthur, Jr., et. al., *A Marca da Vitalidade Espiritual da Igreja: Justificação pela Fé Somente*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, (2000), p. 24].

as principais características, o anúncio da justificação pela fé.<sup>124</sup>

Para nós Reformados a justificação é o ato que faz parte do início de um processo que se iniciou na eternidade (eleição) e se consumará na eternidade (glorificação). “Deus, desde toda a eternidade, decretou justificar todos os eleitos; e Cristo, no cumprimento do tempo, morreu pelos pecados deles e ressuscitou para a justificação deles; contudo, eles não são justificados até que o Espírito Santo, no tempo próprio e de fato, comunica-lhes Cristo”.<sup>125</sup>

Cristo redimiu-nos, levando sobre Si a maldição de nossos pecados, pagando o altíssimo preço do nosso resgate (Rm 3.24; Ef 1.7/1Pe 1.18,19; At 20.28/ Hb 8.12). “O sangue de Cristo tem valor infinito por causa da gloriosa dignidade d’Aquele que o derramou”.<sup>126</sup> Cristo, com o seu próprio sangue, reconciliou-nos com Deus, sendo assunto aos céus, como nosso eterno e perfeito Mediador.<sup>127</sup>

*O Grande Amor de Deus.*<sup>128</sup>

1. A Deus demos glória, por seu grande amor,  
O Filho bendito por nós todos deu,  
E graça concede ao mais vil pecador,  
Abrindo-lhe a porta de entrada no céu.

*Exultai! Exultai! Vinde todos louvar  
A Jesus, Salvador, a Jesus, Redentor!  
A Deus demos glória, porquanto do céu  
Seu Filho bendito por nós todos deu!*

2. Oh, graça real! Foi assim que Jesus,  
Morrendo, Seu sangue por nós derramou.  
Herança nos céus, com os santos em luz,  
Legou-nos Aquele que o preço pagou.

---

<sup>124</sup>“As igrejas e denominações que se firmam em sola fide permanecem evangélicas. Aqueles dispostas a ceder nesse ponto inevitavelmente se rendem ao liberalismo, reverterem ao sacerdotalismo ou adotam formas até piores de apostasia. O evangelicalismo histórico, portanto, sempre encarou a justificação pela fé como sendo uma doutrina central – se não aquela doutrina mais importante a ser bem compreendida. Não foge à verdade definir os evangélicos como sendo os que crêem na justificação somente pela fé” [John F. MacArthur, Jr., Muito Antes de Lutero: Jesus e a Doutrina da Justificação: In: John F. MacArthur, Jr., et. al., *A Marca da Vitalidade Espiritual da Igreja: Justificação pela Fé Somente*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, (2000), p. 11].

<sup>125</sup> *Confissão de Westminster*, XI.4. “A justificação é o ponto de convergência de um vastíssimo princípio e de um vastíssimo fim. É o ponto em que se encontram duas eternidades: a do passado e a do futuro” [T. Austin Sparks, *O Evangelho Segundo o Apóstolo Paulo*, (s. cidade): (s. data), (s. editora), p. 11].

<sup>126</sup> Abraham Booth, *Somente pela Graça*, p. 31.

<sup>127</sup> Vd. João Calvino, *Exposição de Hebreus*, (Hb 10.22), p. 268.

<sup>128</sup> Hino nº 42 do *Hinário Novo Cântico*, São Paulo: Casa Editora Prebiteriana, 1991.

3. Tal prova de amor nos persuade a confiar  
Nos merecimentos do Filho de Deus!  
E quem, a Jesus, pela fé se entregar,  
Vai vê-lo na glória eterna dos céus.

(F.J. Crosby – J. Jones)

Maringá, 23 de dezembro de 2009 (Revisão).  
Rev. Hermisten Maia Pereira da Costa